

Entrevista com o cantor e compositor Celso Fonseca

Poucas e Boas da Mari – <http://www.poucaseboasdamari.com>

Por Mari Valadares – MTB: 43155/SP

01. Celso, em 1981, você estreou sua carreira com o saxofonista Roberto Guima e logo em seguida, como guitarrista na banda do cantor Gilberto Gil. Isso lhe abriu portas para tocar e gravar com grandes nomes da nossa MPB, como Milton Nascimento, Chico Buarque e Gal Costa. Demorou muito para se firmar profissionalmente como cantor?

Na verdade, sempre cantei. Na adolescência, me acompanhava ao violão nas tradicionais rodinhas à beira da fogueira com amigos. Cantava um vasto repertório, que ia de Milton Nascimento, clássicos da Bossa Nova, sambas antigos, Beatles e James Taylor, até temas de grupos progressivos como King Crimson, Yes, ELP, etc. Eu venho de uma família classe média do Rio de Janeiro. Cresci cercado de música por todos os lados, embora não houvesse nenhum músico profissional na minha família. Desde criança vivi em um ambiente musical. Muito mais tarde, já frequentando a faculdade de Comunicação na PUC, resolvi, depois de ver um Festival de Jazz, em São Paulo, que ia estudar música “pra” valer. Até então, eu era autodidata e tocava tudo “de ouvido”. À partir de então, segui tocando com muita gente diferente, sempre como músico acompanhante. Ao mesmo tempo comecei a compor umas coisinhas, e em 1984, conheci o compositor Ronaldo Bastos, que se tornou meu parceiro mais constante e um dos maiores entusiastas do meu jeito de cantar. Nossas primeiras músicas eram mandadas para os intérpretes sempre na minha voz. Quando a Gal Costa me ouviu cantar me incentivou a gravar, o que fiz em 1986. Gravei meu primeiro disco “Minha Cara”. Daí em diante, segui gravando outros discos ao mesmo tempo em que seguia tocando com outros artistas. Daí até me acostumar com a idéia, foi um longo tempo. Só fui considerar a possibilidade de seguir em frente com isso em 1997, quando lancei o “Paradiso”; segundo CD com o Ronaldo. Eu me achava melhor compositor do que intérprete. Com o tempo, fui aprendendo a conciliar as duas coisas.

02. Sua voz já foi comparada a do cantor Caetano Veloso. Comparações incomodam?

Não! Absolutamente! Acho que as pessoas precisam sempre achar uma referência conhecida para comparar artistas diferentes, principalmente os que chegam depois... Além do mais, ser comparado ao Caetano é um elogio. Nunca me senti mal com isso...Ele é um dos nossos maiores intérpretes (além do grande compositor que conhecemos).

03. Junto com Ronaldo Bastos, você criou a trilogia "Sorte" (94), "Paradiso" (97) e "Juventude / Slow Motion Bossa Nova" (2001). Essa trilogia foi idéia de quem?

Essa trilogia só foi pensada como tal após o lançamento do cd “Juventude / Slow Motion Bossa Nova”. Ali, em 2001, achamos que esse disco fechava o que seria uma trilogia iniciada com o “Sorte”. A idéia de gravar discos “de compositor” foi nossa, mas a idéia de que eles fossem assinados pelos dois foi minha desde o início. O Ronaldo relutou um pouco no começo, mas depois aceitou. Na verdade, acho que nossa parceria tem afinidades muito fortes e uma maneira de pensar música bem parecida. Daí a idéia de que os dois “assinassem” os discos.

04. Sua música “Slow Motion Bossa Nova” “acompanhou os passos”, por 4 vezes, da modelo Gisele Bündchen, em uma campanha publicitária da Grendene, para TV, o que trouxe uma visibilidade maior ao seu trabalho aqui no país. A televisão é um mal necessário?

Na verdade, foram cinco comerciais. Essa foi uma idéia do Washington Olivetto, que me comunicou o fato depois de tudo acertado com a Grendene. A música já existia antes e não foi composta para o comercial, como muita gente pensa. Não vejo mal nenhum em ter músicas veiculadas em qualquer meio. Acho que tudo é válido desde que a integridade artística e a identidade de cada autor seja preservada. No meu caso isso aconteceu e além disso, fiquei muito orgulhoso quando a música, numa de suas versões foi interpretada pelo grande Jamelão.

Isso eu nunca poderia imaginar. Mais uma grande idéia do Washington!

05. Ainda sobre “Juventude / Slow Motion Bossa Nova”. Esse álbum foi financiado em parte pelo publicitário Washigton Olivetto. Há alguma influência dele no álbum?

Nenhuma. Aliás, a história curiosa é a seguinte: Eu nunca soube que o álbum estava sendo financiado por ele. O Ronaldo me escondeu isso o tempo todo desde o início. Só vim saber depois do disco pronto, mixado e masterizado. Daí, nos encontramos num restaurante no Rio, aonde tudo foi revelado e rimos muito desse fato. O Washington já era fã dos discos anteriores e um amigo nosso muito querido.

06. Você tem uma carreira internacional forte. Já participou de vários festivais fora do Brasil e foi o segundo cantor brasileiro a gravar o programa londrino "Later with Jools", da BBC. Seu disco “Natural” (2003) foi lançado por um selo belga na Europa, EUA e Japão. Em 2005, lança seu segundo disco no mercado internacional, o “Rive Gauche Rio” e em 2006 deve lançar outro. Por que a procura pelo mercado fora do país? Tem alguma coisa a ver com a bossa nova ser exemplo de música brasileira no exterior?

Não. O fato de ser contratado por uma gravadora européia foi quase uma outra coincidência. Fui convidado por um amigo meu de muitos anos a fazer parte do cast do selo que ele havia criado em parceria com a gravadora belga Crammed. Eu havia acabado de gravar (como músico apenas) o primeiro CD da Bebel Gilberto e esse disco foi o primeiro lançamento deles. O terceiro (ou quarto, não me lembro bem), brasileiro à ser lançado fui eu. Daí em diante, meus CDs tiveram uma grande aceitação no mercado exterior. A verdade é que existe um outro Brasil ,fora daqui que o “ nosso Brasil” desconhece. Nossa música (não só a Bossa Nova) faz um enorme sucesso fora. Existe um número grande de artistas brasileiros como eu, fazendo tournées e lançando discos regularmente pelo mundo com grande sucesso, mas aqui pouca gente sabe disso. O público que consome essa música é formado exclusivamente por estrangeiros. São poucos os brasileiros residentes fora que aparecem nos shows. Já que não somos artistas de grande sucesso por aqui, é natural que eles não nos conheçam. Quem mora fora quer matar as saudades com as coisas que já conhecem.

07. O seu mais recente álbum, “Rive Gauche Rio”, foi lançado fora e dentro do país, como eu disse anteriormente. O nome do trabalho é alguma alusão à cidade do Rio de Janeiro?

O “Rive Gauche Rio” só foi lançado na Europa, USA e Japão. Por enquanto nada de Brasil... O nome é uma brincadeira com uma sonoridade interessante, inventada pelo Ronaldo Bastos

(olha as afinidades se revelando novamente...). “Rive Gauche Rio” é um título muito musical. Depois, acabei observando que o disco faz alusão a dois lugares que já não são os mesmos há bastante tempo. Lugares com uma tradição de beleza e efervescência cultural no passado, que hoje obviamente já não são mais assim. A maioria das músicas tem uma leveza e uma elegância natural que já não é mais encontrada nem por aqui, nem lá. Falo de uma coisa mais ligada ao comportamento das pessoas do que à estética propriamente. Uma doçura, certa delicadeza e uma simplicidade que não faz mais parte do nosso cotidiano. Infelizmente...

08. Como você encara as críticas ao seu trabalho?

Da maneira mais natural possível. Ninguém é obrigado a ser uma unanimidade. Música é uma coisa muito subjetiva para ser julgada e agradar à todos. Faço minha música, primeiro para mim. Eu preciso estar bem com o que eu faço para que possa imprimir isso num álbum. Sou muito exigente e trabalho muito duro para agradar à mim mesmo (que na minha opinião, sou o pior crítico que eu possa encontrar). Se eu acho que o que fiz é uma coisa que me agrada depois de tanto trabalho, não me importo com quem não gosta. Fico sim, muito feliz com aqueles que se identificam de alguma maneira com o que faço. Se houver uma única pessoa que gosta do que eu faço, já me considero o cara mais feliz do mundo. E eu tenho tido muita sorte.

09. São seis cds na carreira (O Som do Sim, Sorte, Paradiso, Juventude/Slow Motion Bossa Nova, Natural e Rive Gauche Rio), vários trabalhos elogiados como produtor e participações em trilhas de filmes. Já foi indicado para o Grammy Latino em 2002, em duas categorias (melhor disco e melhor canção de MPB). Já está bom?

Realmente não penso em nada disso que você citou. As conquistas são muito importantes e é claro que dou muito valor à elas, mas sempre preciso fazer muito mais coisas...Sou um compositor compulsivo e um ouvinte obsessivo. Para cada CD que você citou, eu tenho quatro ou cinco que não saíram. Minha maior alegria é fazer o que ainda não fiz. A música que ainda não acabei, o verso que persigo há anos, os temas que ainda não abordei. Tanta coisa ainda. Falta muita estrada pela frente !!

10. Sei que está em ritmo de gravação. Quando sai o próximo cd?

Deveria sair ainda esse ano, mas ando enrolado com tantos projetos paralelos que talvez saiam dois! Agora mesmo acabei de lançar um EP com sete músicas, de coisas que gosto de cantar e nunca havia gravado. São músicas que venho cantando nos shows ou em casa ao longo dos anos. Por enquanto estão exclusivas no site do I Tunes da Apple, à pedido deles e da gravadora. Ao mesmo tempo, termino as novas canções do novo disco e preparo outras versões para a edição brasileira do “Rive Gauche Rio”.

11. Uma mensagem para os frequentadores do site “Poucas e Boas da Mari”.

Não vamos esquecer da delicadeza ... Um abraço grande a todos!